

ASPECTOS EMERGENTES ENTRE O TERCEIRO SETOR E A INOVAÇÃO SOCIAL: UM OLHAR A PARTIR DO CONTEXTO BRASILEIRO

EMERGING ISSUES BETWEEN THE THIRD SECTOR AND SOCIAL INNOVATION: A VIEW FROM THE BRAZILIAN CONTEXT

Rosana da Rosa Portella Tondolo – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – rosanatondolo@gmail.com

Resumo

O terceiro setor e a inovação são temas recorrentes no contexto atual. Nesse sentido, a inovação social emerge como a busca pela solução de problemas sociais, através de novas estratégias, conceitos, ou ainda, processos desenvolvidos para atendimento das necessidades sociais, de um grupo, comunidade, ou da sociedade em geral. Com base nesses temas, este artigo, por meio de um ensaio teórico, visa discutir os aspectos emergentes, bem como, as relações existentes entre o terceiro setor e a inovação social. Como resultado é possível identificar que independente da forma e/ou fenômeno que produza uma inovação social, tecnologias sociais ou empreendedorismo social, as inovações sociais são importantes vias para o crescimento, desenvolvimento local e bem estar social.

Palavras-chave: Terceiro Setor, Inovação Social, Tecnologias Sociais.

Abstract

The third sector and innovation are frequent themes in the current context. In this sense, social innovation emerges as the search for the solution for social problems through new strategies, concepts, or even processes developed to meet the social needs of a group, community, or society in general. Based on these themes, this article, through a theoretical essay, aims to discuss emerging issues, as well as, the relationship between the third sector and social Innovation. As a result, it is possible to identify that nonetheless of the form and/or phenomenon that produces a social innovation, social technologies or social entrepreneurship, social innovations are important pathways for growth, local development and social welfare.

Key-words: Third Sector, Social Innovation, Social Technologies.

Recebido: Novembro/2013.

Aprovado: Dezembro/2013.

Introdução

Atualmente, o tema Terceiro Setor está em alta, seja pela consciência cidadã despertada nas últimas décadas, ou ainda pelos repetitivos esforços de organizações da sociedade para comover e motivar as pessoas a se engajarem em causas sociais. Outro aspecto recorrente nos últimos anos tem sido a inovação. O tema de inovação, no seu sentido mais geral, tem ganhado adeptos em diversos lugares do mundo, em seus mais diversos sentidos, e no Brasil não é diferente. Essas inovações perpassam fronteiras e classes sociais e fazem parte dos mais diversos contextos, tendo como promotores diversos tipos de organizações.

Para que possamos discutir os aspectos emergentes, bem como, as relações existentes entre o Terceiro Setor e a Inovação Social, é importante apresentar uma breve reflexão do que entendemos sobre Terceiro Setor e as suas peculiaridades, e ainda, esboçar o que a inovação social representa no contexto mundial.

Este texto se propõe a fazer uma breve reflexão do tema inovação social e suas interfaces com o Terceiro Setor. Além da apresentação de alguns casos de organizações do Terceiro Setor que promovem a inovação social.

2. O Terceiro Setor

Mundialmente, o Terceiro Setor tem ganhado destaque tanto no contexto das pesquisas acadêmicas quanto no contexto da prática. Nos últimos anos este setor tem apresentado números expressivos, sendo estes relacionados tanto aos montantes financeiros envolvidos, assim como o número de colaboradores e voluntários que estão imersos nesse setor.

Lester Salamon, Diretor do Centro de Estudos da Sociedade Civil da *Johns Hopkins University*, enfatiza em um de seus relatórios de pesquisa, no qual se refere a uma pesquisa realizada mundialmente sobre o trabalho voluntário, que se fosse possível unir todos os voluntários em um único país, este país seria um dos maiores países do mundo, com aproximadamente 1 bilhão de habitantes, somente atrás da china (SALAMON; SOKOLOWSKI; HADDOCK, 2011).

Os dados apresentados pela pesquisa realizada pelo Centro de Estudos da Sociedade Civil da *Johns Hopkins University* retratam o crescimento do Terceiro Setor no mundo, principalmente nos últimos 25 anos, não somente em números de voluntários, mas nos expressivos números de mão de obra envolvida neste setor. Um exemplo de como o trabalho voluntário é importante e significativo para o desenvolvimento das atividades, é a quantidade

de voluntários que estavam presentes na organização e desenvolvimento dos Jogos Olímpicos de Londres, os quais ficaram na marca de 70.000 voluntários.

O tema voluntariado é bastante interessante, no entanto não somente de trabalhadores voluntários é formado este Terceiro Setor. Temos uma infinita gama de atores envolvidos neste setor e nas atividades e projetos que dele fazem parte. Organizações patrocinadoras, instituições realizadoras e idealizadoras, órgãos colaboradores, etc. Além disso, também é preciso destacar, as parcerias realizadas com instituições de fomento e órgãos estatais, os quais possibilitam a realização de muitos projetos sociais, assim sendo possível atender significativa parte das comunidades envolvidas.

São tantas pessoas e tantas ações, que aspectos envolvendo a gestão dessas organizações, bem como, de seus processos e projetos não tem sido uma tarefa fácil. Por isso, muitos pesquisadores estudam o Terceiro Setor a fim de encontrar avanços teóricos e principalmente práticos, que venham a contribuir significativamente para o desenvolvimento e evolução das práticas realizadas pelas organizações.

Mas, afinal o que é o Terceiro Setor? O termo terceiro setor passou a ser empregado entre as décadas de 1980 e 1990 visando definir um grupo de organizações sem fins lucrativos, as quais apresentam diferentes objetivos, tais como: associações recreativas; assistencialistas; ambientalistas; educacionais; religiosas; fundações e institutos (CALIXTO, 2009; BITENCOURT et al., 2007). Nesse sentido, Kanitz (2009) enfatiza que o terceiro setor é constituído por organizações não governamentais e sem fins lucrativos que tem por objetivo gerar serviços de caráter público.

No Brasil, a legislação nomeia como “Organização da Sociedade Civil de Interesse Público”, as instituições que apresentam como principal característica a prestação de serviços sociais e de saúde, sendo esses oriundos de iniciativas voluntárias de organizações religiosas em sua maioria, realizando obras assistencialistas, beneficentes e de caridade (CALIXTO, 2009). Estes são apenas alguns enfoques das organizações sociais no Brasil.

Após definido o que é Terceiro Setor, é importante ressaltarmos um dos principais desafios encontrados para entendimento e aplicação de legislações e práticas gerenciais. O Terceiro Setor é considerado um espaço multifacetado, uma vez que tem como característica aglomerar uma série de diferentes tipos de entidades sem fins lucrativos, dentre estas podemos citar: associações, organizações sociais, organizações da sociedade civil de interesse público, fundações, e ainda, é possível incluir as filiais de fundações e associações estrangeiras, que possuem objetivos e escopos completamente diferentes.

E, complementando essa ideia de diversidade, ainda é possível ressaltar os públicos atendidos por essas organizações e entidades, os quais são os mais diversos e apresentam as mais diferentes necessidades. Por isso, consideramos este ambiente (Terceiro Setor) um espaço multifacetado, pois nele é possível identificar diferentes organizações, com diferentes propósitos e articulações, no entanto, apresentando suas especificidades.

A fim de entender melhor a lógica e as peculiaridades deste setor, é importante ressaltarmos que as organizações pertencentes ao Terceiro Setor desempenham papel diferenciado, uma vez que são organizações privadas por sua origem, mas prestam serviços públicos por sua finalidade (SALAMON, 2010; SARAIVA, 2006). Esse pequeno aspecto é o que faz a diferenciação existente entre as organizações do Terceiro Setor e as organizações/instituições dos demais setores (público e privado). Por apresentar essas características as organizações do Terceiro Setor desempenham uma importante missão, promover a articulação entre a esfera pública e privada, sendo esta considerada uma nova forma de representação (SARAIVA, 2006).

Muitos estudiosos interessados no tema afirmam que o Terceiro Setor está ganhando destaque mundialmente, devido a seu vasto crescimento nas últimas décadas. No Brasil, isso não é diferente, uma vez que conforme o poder público foi abnegando de suas obrigações nas suas mais variadas esferas, apresentando uma redução de investimentos e pessoal, e deixando de prover muitos serviços essenciais a sociedade (SARAIVA, 2006).

Diante disso, a sociedade percebeu a necessidade de inovar buscando alternativas aos mais variados problemas sociais que envolviam as comunidades. Defendendo o propósito de suprir um serviço público, muitas organizações sociais surgiram nessas últimas décadas. Assim, aproveitando um espaço que era de direito do Estado, mas que devido a sua não ocupação, foi permeado pelas organizações do Terceiro Setor.

Em 2002, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com GIFE e IPEA publicaram o relatório sobre o Terceiro Setor, nesta oportunidade esse setor acumulava 276 mil Fundações Privadas Sem Fins Lucrativos (FASFIL) no país, as quais empregavam 1,5 milhão de colaboradores assalariados. De acordo com o último relatório publicado pelo IBGE (2008), com dados referentes a 2005, este setor emprega como trabalhadores assalariados 1,7 milhão de pessoas nas 338,2 mil Fundações Privadas Sem Fins Lucrativos (FASFIL) do país. Esses números representam 22,1% do total de empregados da administração pública do país. Quando analisada a ocupação regional deste contingente, foi verificado que 57,1% (que equivale a quase 1 milhão de pessoas) estão em instituições

localizadas no Sudeste. Especificamente, no Estado de São Paulo são mais de 553 mil trabalhadores em Fundações privadas sem fins lucrativos. Esses números ilustram o crescimento do Terceiro Setor no Brasil.

O relatório ainda detalha a distribuição de mão-de-obra assalariada nas diversas áreas da FASFIL, sendo as entidades da área de educação e pesquisa as que detêm maior percentual, sendo este 5,9%; e concentrando 29,8% do total de trabalhadores. Grande parte destes trabalhadores está concentrado na Educação Superior, uma vez que cerca de duas mil universidades e faculdades empregam 239 mil trabalhadores. Na área da saúde não é diferente, uma vez que 4.464 entidades empregam 415 mil pessoas.

Consoante isso, pesquisa realizada em 41 países sobre a mão de obra no Terceiro Setor, constata que no Brasil este setor é responsável por empregar 3,3% da população ativa do país, enquanto a média mundial de trabalhadores no terceiro setor é de 4,2% da população ativa desses países (SALAMON, 2010). Desta forma, as organizações do Terceiro Setor, além de buscarem prestar serviços voltados à coletividade, também são fonte de emprego formal e renda.

Também é importante destacar o papel do Terceiro Setor na Sociedade, uma vez que este propicia um ambiente reflexivo sobre a realidade social, promovendo o exercício da cidadania e a responsabilidade social (BRASIL, 2006). Vale ressaltar a infinita capacidade de mobilização que este setor apresenta. A mobilização de recursos tangíveis e intangíveis, sendo estes dos mais diversos tipos como, por exemplo, os recursos financeiros, físicos e humanos, os quais possibilitam o desenvolvimento dos projetos sociais e atendimentos das mais variadas necessidades da comunidade (TONDOLO, BITENCOURT, 2012). Nesse sentido, além as ações praticadas para a coletividade, destaca-se a função social dessas organizações, como difusoras da cidadania, da moral e do desenvolvimento intelectual de parcela da população não assistida pelo poder público.

No Brasil, a expansão do Terceiro Setor nos últimos 20 anos é vista não somente como o crescimento do contingente de organizações sem fins lucrativos, mas como uma nova oportunidade de negócio, visto que um novo mercado está se expandindo e novas oportunidades surgem a todo o momento. Por isso, é importante aproveitar as oportunidades, e as prováveis possibilidades de interação, não somente com a comunidade a qual está cada vez mais engajada nas causas sociais, mas também com o governo e as empresas, assim aumentando ainda mais o impacto desse setor na sociedade.

Nesse sentido, vale ressaltar a importância das formas e fontes de interação utilizadas por essas organizações, uma vez que as interações podem fomentar processos e produtos inovadores ao contexto social, assim estimulando as práticas de inovação social e contribuindo para o sustento dos pilares do desenvolvimento local.

3. O que é Inovação Social?

“A inovação social já era campo de interesse na literatura sobre gestão na década de 1960” (FERRARINI, 2011, p. 1). A inovação social surge como uma forma de solucionar problemas sociais, através de novas estratégias, conceitos, ou ainda, processos desenvolvidos para atendimento das necessidades sociais, de um grupo, comunidade, ou da sociedade em geral.

O princípio básico, o qual norteia a inovação social, é o atendimento das mais variadas necessidades sociais, que perpassam as questões ligadas à saúde, educação, moradia, lazer, turismo, emprego e renda. Como característica, a inovação social apresenta-se comum aos três setores, diferentemente do que muitos pensam, não sendo uma exclusividade das Organizações do Terceiro Setor. Nesse sentido, a inovação social é um produto e ou serviço das organizações do Terceiro Setor para a coletividade.

Vale ressaltar, a diferença existente entre os conceitos e premissas da inovação tecnológica e a inovação social. Enquanto, a inovação tecnológica apresenta como características o ambiente competitivo, a sigiliosidade, visa à vantagem competitiva, e objetiva o lucro econômico. Por outro lado, a inovação social apresenta como principais características o desenvolvimento de uma solução a um problema social (coletivo), sendo esta inovação disseminada para diferentes comunidades e regiões, ou seja, tornando-a de domínio público, e o resultado esperado é a solução do problema social.

Tendo como alicerce essas principais diferenças, supõe-se que alguns aspectos devem ser imprescindíveis para a promoção da inovação social. O *Centre for Social Innovation* (CSI) do Canadá defende que para o surgimento de uma inovação social são necessárias três condições: ambientes propícios, interação de pessoas interessantes, estrutura adequada facilitando a transformação de uma simples ideia em um plano real.

Por isso, a inovação social emerge em ambientes adequados, nos quais as pessoas estão expostas a novas ideias, fazem conexões com outras pessoas, em ambientes que possuem uma estrutura sistemática para promover essa inovação social na sociedade. De acordo com o *Centre for Social Innovation* (CSI) do Canadá, três importantes aspectos devem

ser explorados, são eles: a diversidade, o ambiente adequado e acompanhamento da inovação (o fato de vê-lo crescer) (CSI, 2012).

No entanto, a inovação social ainda é um tema pouco explorado, mas essa não é uma característica única do contexto brasileiro. Por exemplo, nos Estados Unidos, Canadá e nos países europeus, onde a inovação no seu sentido mais amplo é bastante desenvolvida, as pesquisas envolvendo a inovação social estão começando a evoluir, assim demarcando seu espaço e ganhando visibilidade mundial (BIGNETTI, 2011).

O Centro de Inovação Social da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, é reconhecido como um dos principais centros de pesquisa em Inovação Social. Além deste podemos destacar o CRISES – *Centre de recherche sus les innovations sociales*, o qual conta com uma junção de Universidades Canadenses, que pesquisam o tema de forma multidisciplinar. Na Europa, destaca-se o centro de estudos sobre inovação social do INSEAD - *Institut Européen d'Administration des Affaires*. Esses centros de estudos e pesquisa objetivam produzir e disseminar novos conhecimentos em inovação social, assim gerando transformações sociais.

No Brasil, o tema inovação social tem sido trabalhado desde 2001 pelo ITS Brasil - Instituto de Tecnologia Social. O ITS Brasil é uma associação privada, a qual está enquadrada como uma organização da sociedade civil de interesse público (OSCIPI). Esta organização é apenas um exemplo das inúmeras organizações do Terceiro Setor, as quais se envolvem com a promoção e desenvolvimento de tecnologias sociais.

Depois de entender um pouco sobre o que é a inovação social, ficamos nos perguntando, mas afinal como podemos identificar uma inovação social, ou ainda, como as inovações sociais aparecem na sociedade? Bom, é importante ressaltar que existem algumas formas de uma inovação social ser identificada na sociedade. Ferrarini (2011) destaca que as tecnologias sociais, o empreendedorismo social e o desenvolvimento local, são conhecidos como fenômenos e processos relacionados à inovação social. A seguir iremos compreender melhor estes fenômenos relacionados à Inovação Social.

3.1 Fenômenos relacionados à Inovação Social

Neste tópico iremos analisar, basicamente, dois tipos de fenômenos relacionados à inovação social, são eles, as Tecnologias Sociais e o Empreendedorismo Social.

3.2 Tecnologias Sociais

De acordo com a Fundação Banco do Brasil, a “Tecnologia Social (TS) compreende produtos, técnicas ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social” (FUNDAÇÃO BB, 2012).

As Tecnologias Sociais são propostas inovadoras de desenvolvimento, as quais consideram a participação coletiva nos processos de organização, desenvolvimento e implantação. Nesse sentido, esse tipo de tecnologia busca resolver problemas voltados as demandas de alimentação, educação, energia, habitação, renda, recursos hídricos, saúde, meio ambiente, entre outros (FUNDAÇÃO BB, 2012).

“Alguns fundamentos são pertinentes à concepção de TS: a transformação social, a participação direta da população, o sentido de inclusão social, a melhoria nas condições de vida, a sustentabilidade socioambiental e econômica, a inovação, a capacidade de atender necessidades sociais específicas, a organização e sistematização da tecnologia, o diálogo entre diferentes saberes – acadêmicos e populares –, a acessibilidade e a apropriação das tecnologias, difusão e a ação educativa, a construção da cidadania e de processos democráticos, entre outros, que são sustentados por valores de justiça social, democracia e direitos humanos” (MACIEL; FERNANDES, 2011, P.150-151).

A Fundação Banco do Brasil juntamente com o ITS-Brasil são os principais promovedores de tecnologias sociais em âmbito nacional. A Fundação Banco do Brasil, desde 2001 dissemina tecnologias sociais. Por meio da realização anual do concurso de Tecnologias Sociais, as TS são submetidas e analisadas, dentre as inúmeras TS recebidas são escolhidas as finalistas de cada área de atuação, e logo após as vencedoras. As tecnologias vencedoras e finalistas compõe o banco de tecnologias sociais, o qual é acessível a todos.

Algumas Tecnologias Sociais são nossas antigas conhecidas, mas provavelmente não sabíamos que eram consideradas TS, seguem alguns exemplos: o soro caseiro (mistura de água, açúcar e sal), o qual combate a desidratação e reduz a mortalidade infantil; as cisternas de placas pré-moldadas que atenuam os problemas de acesso à água de boa qualidade à população do semiárido, placas de aquecedores solares desenvolvidas com garrafa PET, possibilitando o acesso de água aquecida à população.

Outras tecnologias sociais estão sendo reaplicadas em diferentes contextos sociais e estão promovendo a melhora na qualidade de vida dos cidadãos, são exemplos: (i) Fossas Sépticas Biodigestoras – sistema de tratamento doméstico de dejetos humanos é voltado para a zona rural, essa tecnologia auxilia no tratamento de esgoto doméstico, assim evitando a contaminação do lençol freático com o despejo de dejetos diretamente no solo; (ii) Baraginhas

– consiste na construção de mini barramentos dispersos nas lavouras e pastagens das propriedades, visa recuperar áreas degradadas pelas enxurradas. São pequenos açudes que captam a água da chuva e a mantêm represada, assim forçando o processo de infiltração no solo e recarregando as reservas subterrâneas (FUNDAÇÃO BB, 2012).

3.2 Empreendedorismo Social

O termo empreendedorismo social foi cunhado por Bill Drayton ao perceber os “indivíduos que combinam pragmatismo, compromisso com resultados e visão de futuro para realizar profundas transformações sociais” (ASHOKA, 2012). No entanto, a ideia propriamente dita de empreendedores sociais, pessoas que buscam abrir um negócio para auxiliar outras pessoas já é bastante antiga (DEES, 1998).

O empreendedor social dita tendências e apresenta soluções inovadoras para os problemas sociais e ambientais. É visto como empreendedor, pois apresenta como característica identificar um problema que não é reconhecido pela sociedade, ou ainda, percebê-lo de uma maneira diferenciada. Através da sua atuação junto à sociedade, o empreendedor social acelera o processo de mudança e inspira outros atores a se engajarem em uma causa comum (ASHOKA, 2012).

Por isso, o empreendedorismo social significa um negócio lucrativo e que ao mesmo tempo traz desenvolvimento para a sociedade, uma vez que as empresas sociais, diferentemente das ONGs ou de empresas tradicionais, se utilizam de mecanismos de mercado para solucionar problemas sociais. Nessa linha, os negócios sociais oferecem produtos e serviços à população excluída do mercado tradicional, assim ajudando no combate a pobreza e a diminuição da desigualdade social. Esse tipo de organização tem como principais objetivos a inclusão social, geração de renda e qualidade de vida (BRASIL, 2012). Nessa seara, as empresas sociais buscam atender necessidades básicas da base da pirâmide, como saúde, habitação e educação com baixo custo e alta qualidade (ARTEMISIA, 2012).

4 Inovações Sociais na Prática

Após sabermos o que é inovação social, como ela acontece na sociedade, também é importante que conheçamos alguns casos práticos de inovações sociais ocorridos no Brasil e no mundo. Muitos casos interessantes ocorreram nas últimas décadas, mas iremos focar nossos olhares as inovações sociais promovidas por organizações do Terceiro Setor.

4.1 O caso da Ashoka¹

A Ashoka é uma organização mundial, sem fins lucrativos, constituída em 1980. Pioneira no campo da inovação social, trabalho e apoio aos empreendedores sociais, seu primeiro foco de atuação foi na Índia. Está presente em 70 países, dentre eles o Brasil desde 1986. Esta organização tem como objetivo estimular empreendedores sociais e dar suporte as suas ações. Todos os empreendedores da Ashoka são atores de uma rede mundial de intercâmbio, a qual é composta por 2700 empreendedores localizados em diversos países. No Brasil, são aproximadamente 320 empreendedores sociais.

A Ashoka identifica e seleciona empreendedores sociais, os quais possuam uma visão inovadora com relação às problemáticas sociais. A partir dessa ação anual, a rede é alimentada e assim mantém-se conectada com as novas tendências sociais e ambientais.

A rede apresenta um suporte bastante importante e diferenciado, tanto ao empreendedor quanto as iniciativas inovadoras. Para a Ashoka, a integração e sustentabilidade são fundamentais para gerarem impactos duráveis na sociedade. O programa de apoio ao empreendedor social visa contribuir com o empreendedor e sua equipe para a sustentabilidade da ideia inovadora e organizacional a médio e longo prazo. Para isso, o empreendedor conta com: (i) integração Rede de Empreendedores Sociais, visa o fomento e a troca de conhecimentos, experiências e metodologias; (ii) Reconhecimento, divulga as soluções inovadoras e seus empreendedores, indicando para prêmios no âmbito nacional e internacional; (iii) Bolsa Auxílio – nos casos em que são verificada a necessidade de recurso financeiro para dedicação integral do empreendedor ao projeto, e a partir de parceiros apoiadores às soluções inovadoras. Atualmente, a Ashoka conta com mais de 2700 soluções inovadoras em todo o mundo.

4.2 O Caso do Centro Las Gaviotas²

Este é um dos casos de inovação social que mais me impressiona e motiva. O Centro Las Gaviotas está estabelecido na Colômbia na região de Orinoquia e foi idealizado por Paolo Lugari. No passado, o solo era improdutivo, havia escassez de chuva, e não havia árvores,

¹ Fonte: www.ashoka.org.br

² Fonte: www.centrolasgaviotas.org; www.friendsofgaviotas.org

tampouco, pássaros e crianças á vista. Para o idealizador, esse era o cenário ideal para promover a mudança, e implementar a visão de comunidade sustentável.

Em 1992, a partir do protocolo de Quioto e contando com o apoio do governo Japonês, o centro de pesquisa ambiental de Las Gaviotas começou a implementar seus conceitos de sustentabilidade. As atividades tiveram início pela plantação de 8.000 hectares de pinus do Caribe, e essa ação fez toda a diferença.

Atualmente, Las Gaviotas é uma comunidade com aproximadamente 200 pessoas empregadas nas diversas atividades desenvolvidas. Por aproximadamente 3 décadas essa comunidade, composta de camponeses, cientistas, artistas e meninos de rua, tem se dedicado para construir um verdadeiro “oásis de imaginação e sustentabilidade” nas remotas savanas áridas do leste colombiano. Essa área já foi devastada pelo terror político.

A comunidade investe no reflorestamento da área indígena e no cultivo de alimentos orgânicos, além de investir em fontes renováveis e alternativas de energia (eólica e solar). Las Gaviotas é reconhecida pela ONU como um modelo comunitário de desenvolvimento sustentável. As pessoas que lá vivem gozam de alojamento gratuito, refeições comunitárias e escolaridade. Esta comunidade também se destaca por não possuir armas, policiamento, prisão, bem como, prefeito.

Las Gaviotas se destaca por suas inovações sociais, pois apresenta diferentes tipos de soluções aos problemas sociais enfrentados. Alguns exemplos a serem citados são: aquecedores solares tipo gaivotas, moinho de vento tropical gaivotas, bomba de camisa gaivotas (para extração de água do solo e operada manualmente), bomba de balancinho gaivotas (para extração de água do solo, operada por crianças enquanto brincam no parquinho, apresenta o formato de gangorra). Mas, as inovações não param por aí, ainda existe um hospital auto-suficiente, a produção de água potável e borracha.

Também pode ser citada a área de produtos da arboquímica. No processamento realizado na bio-fábrica de arboquímica, a partir da extração do bosque biodiverso de Las Gaviotas, a fábrica é capaz de produzir colofonia (utilizada na fabricação de pinturas e colantes de papel), trementina (é uma resina manual de pino, sendo utilizada para fabricação de azeite de pino, fragrâncias e aromas) e todo o biodiesel consumido internamente. Os produtos servem para o consumo interno, bem como, são revendidos na cidade de Bogotá.

4.3 O caso da Aravind e Aurolab³

³ Fonte: http://www.artemisias.org.br/casos_no_mundo.php; www.aurolab.com; www.aravind.org

No campo dos negócios sociais, o caso da Aravind e Aurolab, empresas sociais localizadas na Índia, é muito comovente. A Aravind foi fundada em 1976 pelo cirurgião oftalmologista Govindappa Venkataswamy, e atua na prestação de serviços médicos oftalmológicos. Atualmente, é considerado o mais eficiente e o maior complexo de tratamento oftalmológico do mundo.

Na sua estrutura conta com hospitais, centro de fabricação de lentes sintéticas e medicamentos para os olhos, banco de olhos internacional, centros comunitários de tratamento, além dos investimentos no instituto de pesquisa e pós-graduação.

A Aravind preocupa-se com a sistematização do trabalho, portanto investe em capacitação dos funcionários. Destaca-se por seu atendimento inovador, o qual permite realizar mais de 200.000 operações de catarata por ano. A partir de um método revolucionário de identificação de pacientes, os quais necessitam de tratamento e cirurgia oftalmológica, foi possível aumentar a produtividade da equipe médica. Assim, a produtividade da Aravind é seis vezes superior que os demais centros oftalmológicos da Índia, também sendo superior aos padrões dos EUA. Mesmo com a implantação de sistemas mais rápidos de diagnóstico e realização de procedimentos, o nível de qualidade dos processos praticados pela Aravind também é bastante superior às melhores práticas conhecidas. O custo por operação está em torno de US\$ 50-100, comparado a US\$ 2.600-3.000 nos EUA.

Em 1992, a fim de diminuir ainda mais seus custos de atendimento e evitar gastos com importação de insumos, a Aravind, em parceria com o empreendedor David Green, criou a Aurolab - empresa de manufatura de materiais oftalmológicos a preços acessíveis para países em desenvolvimento. A Aurolab atua na venda de lentes intra-oculares, agulhas de sutura, ataduras e instrumentos cirúrgicos, a um custo muito menor que o da concorrência. As suturas, por exemplo, custam 1/3 do preço do mercado e as lentes intra-oculares custam US\$ 5,00, quarenta vezes menos que o preço do principal concorrente. Desde a sua fundação, a Aurolab já forneceu cinco milhões de lentes a seus consumidores na Índia e em mais de 120 países.

4.4 O Caso IDE - *International Development Enterprises*⁴

A IDE – *International Development Enterprises* foi fundada em 1981 por Paul Polak, com o objetivo de criar oportunidades de geração de renda para a população rural. Assim, a IDE atua por meio da oferta de produtos manufaturados de tecnologia simplificada que

⁴ Fonte: www.artemisla.org.br/casos_no_mundo.php; www.ide.org.org.

aumentam a produtividade e qualidade de vida da comunidade. Seu fundador teve a ideia da IDE quando em visita a um campo de refugiados somalianos, verificou que a ausência de infraestrutura de transporte limitava as oportunidades de trabalho daquele povo.

Atualmente, a IDE atua em mais de 11 países, tendo como principal eixo países da África, Ásia e América Latina. A IDE acredita na simplicidade das tecnologias, assim ela investe no desenvolvimento de seus produtos, um exemplo o qual podemos citar é o carrinho para puxar animais, o qual é mais eficiente e ágil que os demais encontrados no mercado, no entanto é produzido com materiais de ferro velho e outros insumos locais. Os resultados são percebidos através dos números, com a venda de 500 carrinhos o faturamento dos agricultores aumentou em US\$ 1 milhão.

Além dos carrinhos de puxar animais, outros produtos foram desenvolvidos, como por exemplo, os sistemas completos de irrigação, gotejamento e máquinas para melhorar a colheita de alimentos. A IDE também atua no acompanhamento dos pequenos negócios, avaliando seu impacto real no aumento de renda das famílias e da qualidade de vida. Ao longo de sua história, a IDE já auxiliou milhões de famílias a aumentarem sua renda e superarem a pobreza. Dessa forma, a IDE aumentou significativamente a renda de 19 milhões de pessoas, aumentando sua renda agregada em mais de US\$ 1 bilhão.

5. Considerações Finais

Este texto buscou apresentar a Inovação Social no contexto das Organizações do Terceiro Setor. A partir de uma abordagem preliminar, é possível identificar que independente da forma e/ou fenômeno que produza uma inovação social, Tecnologias Sociais ou Empreendedorismo Social, as inovações sociais são importantes vias para o crescimento, desenvolvimento local e bem estar social.

Por meio das ações de empreendedorismo social, as organizações conseguem fornecer produtos e serviços a comunidades que eram marginais ao mercado. Assim, contribuindo para a economia a partir da fomentação de um novo mercado, e o mais importante, atendendo as populações e seus anseios, não só os de consumo, mas também os anseios que dizem respeito às necessidades básicas da população, como serviços de saúde, educação, moradia, entre outros. Essas ações são altamente impactantes no bem estar dos indivíduos, assim como na sua qualidade de vida.

As ações que envolvem a criação, bem como, a reaplicação de uma tecnologia social dão alicerce a problemas sociais vivenciados, na sua maioria, há muitos anos. Sendo estes

problemas relacionados às mais diversas áreas como saúde, moradia, educação. Além disso, contraria um princípio básico de que a população somente consome tecnologia, nos casos das tecnologias sociais a população e as demais organizações envolvidas são vistas como co-criadoras da nova TS, sendo essa tecnologia, um produto, serviço ou metodologia.

Também é importante enfatizar que as tecnologias sociais estão disponíveis nos seus mais variados modos de consulta existentes no mundo moderno, ou seja, todos nós estamos muito próximos de bancos de tecnologias sociais, independente da idade, região e acesso que temos. Em época de inclusão digital, vale ressaltar que muitas tecnologias estão disponíveis na internet, inclusive contendo a metodologia necessária para sua reaplicação.

Por fim, é importante focarmos nossos olhares, estudos e pesquisas em novos modelos de mercado, aprofundar nossas reflexões nos modelos atuais e repensar o futuro, não só o futuro do mercado econômico e financeiro, mas o futuro da sociedade, buscando, de forma geral, soluções para os problemas sociais recorrentes. Repensar nossos valores, crenças, atitudes e o quanto estamos fazendo para contribuir para uma sociedade melhor, mais justa e sustentável. Nesses moldes de reflexão fica a sugestão de mais pesquisas que envolvam o tema de inovação social, perpassando as tecnologias sociais, bem como, o empreendedorismo social. E, as relações e influências do Terceiro Setor nos processos de inovação social e o retorno dessas práticas para a coletividade.

6. Referências

ARTEMISIA. Negócios Sociais. Disponível em: http://www.artemisia.org.br/entenda_o_conceito.php. Acesso em: Agosto/2012.

ASHOKA. Empreendedor Social. Disponível em: <http://www.ashoka.org.br/>. Acessado em: Agosto/2012.

BRASIL. Empreendedorismo Social. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/empreendedor/profissionalizacao/empreendedorismo-social>. Acesso em: Agosto, 2012.

BRASIL, E. R. Responsabilidade Social – uma abordagem crítica. In: PIMENTA, S. M.; SARAIVA, L. A. S.; CORRÊA, M. L. (Org). **Terceiro Setor: Dilemas e Polêmicas**. São Paulo: Saraiva, 2006, p. 245-262.

BIGNETTI, L. P. As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 47, n. 1, p. 3-14, 2011.

BITENCOURT, C. et al. Doing better by doing good – the experience of a virtual community network in Brazil. In: **Academy of Management**, 2007, Philadelphia. **Anais**.

CALIXTO, L. As interações ONGs ambientalistas, estado e setor privado: Uma análise a luz das hipóteses de Tocqueville. **Revista Alcance - Eletrônica**, v. 16, n. 02, p. 241-259, 2009.

CENTRO LAS GAVIOTAS. Disponível em: <http://www.centrolasgaviotas.org>. Acesso em: Agosto/2012.

CRISES – Disponível em: <http://www.crisis.uqam.ca/presentation-en>. Acesso em: Agosto/2012.

CSI - Centre for Social Innovation. Disponível em: <http://socialinnovation.ca>. Acesso em: Agosto/2012.

DESS, J. G. O significado de Empreendedorismo Social. Tradução: Victor Ferreira. Disponível em: <http://www.uc.pt/feuc/ceces/ficheiros/dees>. Acesso: Agosto/2012.

FERRARINI, A. V. Dossiê Inovação Social. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 47, n. 1, p.1-2, 2011.

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL. Tecnologias Sociais. Disponível em: <http://www.fbb.org.br/tecnologiasocial/principal.htm>. Acesso em: Agosto de 2012.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **As Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos no Brasil 2002**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **As Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos no Brasil 2005**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

INSEAD – Disponível em: <http://knowledge.insead.edu/socialinnovation.cfm>. Acesso em: Agosto de 2012.

KANITZ, S. **O que é o Terceiro Setor**. Disponível em: <<http://www.filantropia.org>>. Acesso em: 04 out. 2009.

MACIEL, A. L. S.; FERNANDES, R. M. C. Tecnologias Sociais: interface com as políticas públicas e o Serviço Social. **Serviço Social e Sociedade**, n. 105, p. 146-165, 2011.

SALAMON, L. M. Putting the Civil Society Sector on the Economic Map of the World. **Annals of Public and Cooperative Economics**, v. 81, n. 2, p. 167-210, 2010.

SALAMON, L. M. SOKOLOWSKI, W.; HADDOCK, M. A. Measuring the Economic Value of Volunteer Work Globally: concepts, estimates, and a roadmap to the future. **Annals of Public and Cooperative Economics**, v. 82, n. 3, p. 217-252, 2011.

SARAIVA, L. A. S. Além do Senso Comum Sobre o Terceiro Setor: uma provocação. In: PIMENTA, S. M.; SARAIVA, L. A. S.; CORRÊA, M. L. (Org). **Terceiro Setor: Dilemas e Polêmicas**. São Paulo: Saraiva, 2006, p. 19-40.

TONDOLO, R. R. P.; BITENCOURT, C. C. Mensuração do Capital Social em Projetos Desenvolvidos no Terceiro Setor: uma proposta a partir do projeto Transparência e Prestação de contas em OSCs no Rio Grande do Sul. In: Encontro da ANPAD - EnANPAD, XXXVI, 2012, Rio de Janeiro. **Anais**.

ZERI. Disponível em: <http://www.zeri.org/ZERI/Reforestation.html>. Acessado em: Agosto/2012.